Abordagens investigativas no estudo de práticas discursivas:

uma questão de metodologia ou de bom senso?

Désirée MOTTA-ROTH (Universidade Federal de Santa Maria)

Of course, a discourse analyst's basic methodology consists of little more than staring at lots of texts for a very long time, hoping for something to happen. (Kirstin Fredrickson (1996, comunicação oral), citada em Swales (1998:190).

Resumo: O objetivo deste trabalho é oferecer uma discussão acerca da metodologia de pesquisa sobre práticas discursivas. É possível usar uma metodologia geral para pesquisar linguagem? Pesquisa é uma questão de metodologia ou de bom senso? Buscando respostas, entrevistei três pesquisadores acerca do modo como conduzem e relatam sua prática investigativa. Os resultados sugerem que: 1) em pesquisa, as contingências tornam-se centrais; e 2) o caráter local do processo de pesquisa desafia a força centrípeta da ciência. A impossibilidade de elaborarmos regras fixas para um modelo de "texto científico" enfatiza a necessidade de cursos de Redação Acadêmica focar as especificidades de pesquisa no texto de cada aluno.

Abstract: The aim of this paper is to offer a discussion about the methodology used in investigation about discursive practices. Can we all use one general methodology to research about language? Is research a matter of methodology or common sense? To answer these questions, I interviewed three researchers about the way they conduct and report their investigative practices. The results suggest that: 1) in research, contingencies become central; and 2) the local character of the research process defies the centripetal force of science. The impossibility of our elaborating fixed rules for a "scientific text" template emphasizes the need for Academic Writing courses to focus on the research specificities in each student's text.

1 Introdução

Dentre as várias práticas discursivas acadêmicas, autores enfrentam o desafio de acomodar, de um lado, a experiência da metodologia de investigação: e, de outro, a escritura do seu relato, para ser lido e talvez replicado por outro pesquisador. No presente trabalho, vou me deter sobre esse recorte específico das práticas discursivas: os processos de produção, distribuição e consumo de relatos de pesquisa em artigos acadêmicos.

O estudo se justifica pela verificação empírica de que orientar novos alunos do mestrado torna-se um desafio crescente pela inexperiência desses alunos com a prática de reflexão teórica e pela dificuldade de imprimir clareza e profundidade à seção de metodologia em projetos de Dissertação e Tese. Acresce-se a isso o fato de que artigos acadêmicos, que reportam pesquisas sobre linguagem, nem sempre são suficientemente claros quanto aos procedimentos de interpretação adotados pelos autores. Por último, minha experiência como professora de redação acadêmica para alunos de diferentes cursos mostra que aqueles das áreas humanas – onde o debate e a pluralidade de abordagens investigativas são regras – cada vez mais, demonstram dificuldade em escrever a seção de metodologia, em comparação a outros, provenientes de áreas duras ou médicas, por exemplo, que têm tradição de consenso em torno de valores e práticas disciplinares.

Assim, meu objetivo é levantar a discussão sobre como escrevemos a metodologia em nossa área. Se a Linguística Aplicada se caracteriza pela interdisciplinaridade e pelo foco na linguagem como discurso, a importância de esclarecermos nossa metodologia de pesquisa pode estar sendo subestimada. Frequentemente, alunos de pós-graduação fazem afirmações ou perguntas em que verbalizam mitos recorrentes acerca do processo de pesquisa.

Em primeiro lugar, exploro alguns dos mitos que recorrentemente afloram nas discussões em aula, na minha prática pedagógica de redação acadêmica. Apesar da literatura, há mais de duas décadas, questionar sistematicamente o estatuto do texto científico, como Coracini (1991), no Brasil, e Swales (1990), nos Estados Unidos, ainda persistem muitas visões monolíticas que preconizam regras para o texto acadêmico e que asseveram seu estatuto de “texto científico”.

Num segundo momento da discussão, uso passagens de entrevistas com pesquisadores experientes para discutir esses mitos. Ao comparar o que diz a literatura levantada ao que os pesquisadores revelam nas entrevistas, duas características emergiram: 1) as contingências tornam-se centrais na pesquisa sobre linguagem e 2) o caráter local do processo de pesquisa desafia a força centrípeta da ciência, evidenciando descontinuidades e becos sem saída metodológicos.

A interpretação óbvia é a de que cursos de redação acadêmica deverão trabalhar essas perspectivas locais e que, para tanto, precisamos que pesquisadores, ao publicar, narrem seu processo de reflexão e pesquisa de modo a ajudar a construir a epistemologia da área nesse momento de *revirão* pós-moderno que estamos vivendo também na ciência. Afinal, como nos sugere Swales (1990:4-5), ao citar Faigley & Hansen (1985), precisamos definir as razões por que estudamos o que estudamos, da forma que estudamos, por que reportamos e lemos essa experiência de pesquisa do modo que o fazemos:

If teachers [...] are to offer courses that truly prepare students to write in other disciplines, they will have to explore why those disciplines study certain subjects, why certain methods of enquiry are sanctioned, how the conventions of a discipline shape a text in that discipline, how individual writers represent themselves in the text, how a text is read and disseminated, and how one text influences subsequent texts. In short, teachers [...] will have to adopt a rhetorical approach to the study of writing in the discipline, an approach that examines the negotiation of meaning among writers, readers and subject matter.

Evidentemente, é importante sabermos por que adotamos certos sistemas metodológicos e como nossa textualização dessa prática é consequência da visão vigente de ciência, mas, ao mesmo tempo, pode ajudar a manter ou a alterar essa visão.

2 Alguns mitos da metodologia

2.1 Mito da verossimilhança: a seção de metodologia espelha “aquilo que realmente aconteceu na pesquisa”

A já conhecida estrutura I-M-R-D¹ de artigos tem sido considerada por muitos como uma imagem de espelho do ciclo lógico de pesquisa (Bruce, 1984:5), mas algumas discussões recentes têm apontado as diferenças existentes entre o formato final do texto publicado e o que de fato acontece durante a pesquisa empírica, indicando que os projetos talvez sigam esse ciclo “lógico” muito mais em teoria do que na vida real.

Swales (1990) cita o estudo de Gilbert & Mulkay (1984) para ressaltar que o discurso científico modernista tende a deixar de fora, da seção de Metodologia, a ação social que dá forma à pesquisa. Ao entrevistar um grupo

¹ Introdução-Metodologia-Resultados-Conclusão.

de pesquisadores das ciências naturais, Gilbert & Mulkey descobriram que ações específicas do processo de pesquisa nunca eram reveladas naqueles artigos publicados por eles. Os artigos davam a impressão de que os Métodos eram totalmente rotineiros e facilmente repetíveis. Todavia, durante a entrevista, esses pesquisadores sugeriram que aderir fielmente à Metodologia de um autor para obter os mesmos resultados é praticamente impossível, mesmo contando com descrições detalhadas (Atkinson, 1999: 166).

2.2 Mito da centralidade: a narrativa da metodologia é central para o relato da pesquisa.

Em seu estudo diacrônico acerca de artigos científicos, publicados na Inglaterra desde o século XVII, Dwight Atkinson (1999) identifica um declínio gradual no status e na extensão da Metodologia, como parte de um deslocamento do centro de atenção do discurso do autor para o objeto. A retórica centrada no autor, no século XVII, tinha mais verbos na voz ativa porque “os cavalheiros britânicos representavam um ideal moral e social – o centro em torno do qual girava a sociedade britânica e a partir do qual o poder emanava”.

No século XX, a Metodologia passaria a ser mais sintética, caracterizada pela voz passiva, como resultado da pressão que cientistas experimentavam ao lidar com grandes quantidades de informações científicas e um crescente interesse em partes que trouxessem mais informação nova como a seção de Resultados e Discussão (p. 160).

Bazerman (1985) interpreta essa tendência como uma indicação de que desenhar métodos que realmente funcionassem ou que pudessem ser replicados era um desafio maior do que agora e, portanto, merecia uma descrição detalhada:

...no passado, autores achavam que a seção de Metodologia representava um grande problema ou realização, enquanto que autores contemporâneos tendem a chamar atenção e dar designações especiais ao significado teórico dos dados (Idem: 175).

Bazerman nota uma perda de status da seção de Metodologia, ao longo do tempo, em relação a outras seções do artigo. A Metodologia tornou-se proporcionalmente mais curta e menos importante em comparação com as

seções de Resultados e Discussão ou mesmo com a de Conclusão. Essa perda de importância também vale para a leitura de artigos. Burrough-Boenisch (1999) investigou a seqüência preferida por pesquisadores ao ler artigos e descobriram que a maioria dos informantes lia a Metodologia depois de outras seções porque “essa seção tem menos novidade” (Idem: 309).

A questão que permanece, no entanto, é: até que ponto, desenhar métodos que funcionem ou que possam ser replicados na análise de práticas discursiva deixou de ser um desafio hoje?

2.3 Mito da autonomia: a metodologia científica não está sujeita à influência de fatores sociais.

O componente de novidade e o grau de controvérsia no contexto da disciplina aparecem como fatores determinantes para o nível de detalhamento da Metodologia. Greg Myers (1990) examinou essa questão em artigos de biologia, situados no centro de uma controvérsia científica. Ele descobriu que o relato da Metodologia, que antes era considerado detalhe insignificante, ao se instalar a controvérsia, cresceu em significância e extensão.

A regra parece ser a de que, quanto mais nova a tese ou menos unívocos os conceitos, mais tempo se gasta em criar um contexto relevante para a informação e fornecer exemplos que a ilustrem (Paul & Charney, 1995:404-6). Inversamente, à medida que o conhecimento acerca do assunto aumenta, a atenção, que antes era dedicada a estabelecer o terreno, passa a se concentrar nos Resultados e Discussão, de modo que os pesquisadores possam avançar a discussão, saindo do questionamento de “Como o fenômeno foi estudado?” e ir mais além para “O que é o fenômeno?” (p.407). Será que isso é verdade na Lingüística Aplicada? Seria nossa área ainda pouco protocolizada? Ou será que, pela natureza complexa de nosso objeto, temos toda a protocolização que é possível ou desejável hoje?

2.4 Mito da correção: existe o jeito “certo” de escrever cientificamente.

Um dos primeiros desafios de muitos alunos de redação acadêmica é desenvolver um pensamento dialético para entender que não escrevemos em um vácuo, mas sim cercados pelas condições sociais que dialeticamente nos determinam e que são determinadas por nós (Ivanic, 1998). Mesmo para

professores iniciantes em Redação Acadêmica, é difícil entender que o discurso acadêmico não tem caráter monolítico e que, nos vários subgrupos da comunidade acadêmica, existem diversas maneiras de escrever, que gozam de maior ou menor aceitação, socialmente disponíveis a autores para produzir sentido (Idem:329). Muitas vezes, um alto nível de conhecimento compartilhado e de consenso tende a gerar uma consolidação e uma integração da informação em menos “unidades de idéias”, que resultam em textos mais curtos, com menos sentenças (Bruce, 1984: 8). Desaparece, assim, a necessidade de elos coesivos explícitos, como referências anafóricas, de modo que a conexão semântica é apenas sugerida ao invés de afirmada e a coerência é assegurada pelo conhecimento compartilhado (p.13).

Swales & Feak (1994; 2004) usam termos como condensado e extensivo para indicar o modo como cada área dá conta do “grau de novidade” na seção de Metodologia.

Tabela 1 Textualização depende do “grau de novidade” da informação

Características	Texto Condensado	Texto Extensivo
Conhecimento compartilhado Justificativa explicitada	Pressupõe conhecimento compartilhado acerca da metodologia e necessidade de poucas justificativas para as escolhas metodológicas.	Pressupõe pouco conhecimento compartilhado e necessidade de justificar os procedimentos adotados, geralmente sinalizados pela posição marcada antes do sujeito, como p.ex.: “Para tanto, decidimos...”
Foco	Técnicas => Poucas reiterações acerca dos Participantes/Materiais da pesquisa e foco nas Técnicas usadas.	Participantes => “Saliência” do Pesquisador, do Entrevistado, do Contexto e/ou dos Materiais.

Swales & Feak (2004:227) argumentam que, quanto mais protocolizado o procedimento, mais condensado é o texto. Eles observam que, diferentemente dos textos extensivos, os textos condensados tendem a eliminar títulos de subseções; a usar abreviaturas e citações ao invés de descrições; a usar verbos em seqüência ao invés de apenas um por sentença (por exemplo, “Os dados foram coletados, sistematizados e classificados de acordo com...”); a incluir poucas sentenças acerca de “como fazer”, poucas

definições, exemplos e justificativas; e raramente incluir conetivos. Inversamente, quanto maior a inovação na metodologia, mais detalhamento ela merece (Kanoksilapatham, 2002).

2.5 Mito da objetividade: o relato da pesquisa científica deve exalar objetividade.

Bruce (1984:10) argumenta que o uso consistente da voz passiva “reflete a identidade constante ou percebida do agente e, por isso, sua redundância” no texto em comparação a outras informações com mais proeminência. Pesquisadores estariam invisíveis em seus textos por estarem tão obviamente presentes na pesquisa.

Uma outra percepção do uso da passiva a definiria como a realização lingüística de uma participação objetiva do pesquisador, de tal modo que os dados, as tabelas, os números, as respostas dos entrevistados resultariam de geração espontânea e poderiam, de fato, falar por si mesmos (Idem). Nesse caso, o uso da primeira pessoa seria uma reafirmação da presença do pesquisador e de sua crença de que não há razão para clamar por objetividade onde isso é impossível (Idem).

2.6 Mito da divindade: pesquisadores já nascem prontos.

Swales (2004) chama a atenção para a dificuldade encontrada por pesquisadores menos experientes de se convencerem de que:

...autores com muitas publicações não... foram abençoados por alguma combinação improvável de habilidade, sorte e magia para fazer tudo se arranjar tão harmoniosamente e de modo tão exatamente certo [quando lêem] a superfície retoricamente aplainada dos Materiais e Métodos.²

A quantidade de justificativa fornecida pelos autores para suas escolhas procedimentais é relevante se considerarmos a luta de pesquisadores mais jovens para aprender “como se faz” por meio da leitura de artigos publicados por autores conhecidos (estratégias de aprendizagem das mais usadas.)

Na Lingüística Aplicada, o ato de reportar a pesquisa forma o pano de fundo contra o qual recontextualizamos e provavelmente reinterpretemos nossas práticas de ensino e de pesquisa. Assim, nossas seções de

² Minha tradução.

Metodologia fazem mais do que simplesmente dizer que sabemos o que estamos fazendo. Elas oferecem a base sobre a qual construímos nossa concepção do que se passa conosco quando dizemos que pesquisamos linguagem.

Barton (2002) enfatiza que, freqüentemente o “pensar” por trás da Metodologia, inclusive na seleção dos dados, é omitido, embora a pesquisa dependa de uma gama de fatores, como, por exemplo, o seqüenciamento dos eventos ou os impedimentos na coleta de dados da pesquisa. Na maior parte das vezes, nada disso fica documentado ou é até desdocumentado. Nesse caso, o uso da voz passiva apresenta os processos de pesquisa como desproblematizados, sem justificativas explícitas para as escolhas feitas.

Todos esses mitos (não mencionados aqui) nos alertam de que boa parte do processo de pesquisa e do papel do pesquisador nesse processo está submerso. Esses mitos não apenas reforçam a idéia de que ciência é um empreendimento sem problemas, mas também de que “quem sabe sabe” e quem não sabe “tenta descobrir e nem sempre conta pros outros”.

Em Estudos da Linguagem, a discordância aberta acerca do que consiste um tópico de pesquisa relevante ou uma metodologia legítima freqüentemente vem à tona, conforme o exemplo recente do debate entre Widdowson (2001) e Stubbs (2001) sobre a (falta de) relevância da Lingüística de Corpus. De um lado, Widdowson (Idem:6-10) critica a Lingüística de Corpus e a Análise Crítica do Discurso por fazerem um estudo descontextualizado da linguagem, de serem uma “aplicação da lingüística”, pois sua metodologia de análise não leva em consideração a perspectiva dos participantes do contexto social estudado. De outro lado, Stubbs (Idem:151) defende “os dados e os métodos” da Lingüística de Corpus, argumentando que o papel do “contexto” é fundamental para estabelecer o sentido da linguagem. No entanto, “apenas algumas palavras para a esquerda e para a direita, muitas vezes, são suficientes para desambigüisar as palavras ou para identificar suas conotações avaliativas” (Idem:157).

A recente controvérsia entre Widdowson (2001) e Stubbs (2001) nos mostra que, na análise de práticas discursivas, parece impossível usarmos uma metodologia única para tratarmos os dados. Portanto, talvez no caso da

pesquisa, que trata da linguagem como um sistema complexo, seja mais uma questão de bom senso do que de metodologia.

Vejamos algumas passagens das entrevistas realizadas com três pesquisadores experientes acerca do modo como conduzem e relatam sua prática de investigação.

3 Metodologia

A metodologia do presente estudo tem:

- base empírica - por envolver tanto o conhecimento das práticas rotineiras de redação de alunos de pós-graduação quanto o conhecimento tácito, o “bom senso”, a “familiaridade com a vida” (conforme Sousa Santos, 2000:17), desenvolvidos na articulação entre prática pedagógica e estudo teórico. Conforme posto por Sousa Santos (Idem:37), “a teoria crítica pós-moderna visa transformar-se num senso comum emancipatório...a consciência cartográfica do caminho que vai sendo percorrido pelas lutas políticas, sociais e culturais que ela influencia tanto quanto é influenciada por elas.” Para designar essa idéia de “senso comum” elaborada por Sousa Santos, que articula a epistemologia à vida social, “contra o desperdício da experiência” na ciência, uso o termo “bom senso”; e
- base textográfica - por reunir entrevistas com membros de uma coletividade, na tentativa de tentar captar reações à linguagem que se pretende estudar num corpus, de modo a coletar as percepções dos participantes de um determinado contexto acerca de suas práticas discursivas escritas num contexto específico (Swales, 1998).

3.1 A coleta de dados das entrevistas

A entrevista semi-estruturada, realizada entre dezembro de 2002 e janeiro de 2003, propunha perguntas aos entrevistados, que girassem em torno de três tópicos a serem abordados:

- conceito de pesquisa/investigação;
- definição do objeto de investigação;
- determinação da abordagem investigativa ou metodologia e dos procedimentos mais adequados para pesquisar seu objeto.

Antes de cada entrevista, textos publicados pelos três autores foram lidos e analisados para serem tomados como referência para a elaboração das perguntas e para a discussão dos tópicos mencionados acima. A partir de uma lista de idéias geradoras, as entrevistas eram iniciadas e, à medida que a conversa avançava, novas perguntas iam sendo elaboradas com base nas contribuições individuais de cada entrevistado/a. As perguntas elaboradas podem ser exemplificadas por:

P: Fale um pouco sobre a metodologia que usa para investigar linguagem.

P: Qual sua é sua opinião sobre metodologia de pesquisa em vista das discussões recentes entre autores de diferentes áreas como Filosofia e Física, sobre a necessidade de repensarmos o próprio conceito de vida e sociedade, sob uma perspectiva não-linear de causa-e-efeito, de modo a elaborar outras possibilidades de produção de conhecimento?

P: O/A Sr./Sra. está dizendo que temos uma necessidade ou uma justificativa local para escolher esse ou aquele procedimento? Em outras palavras, apesar de tentarmos capturar o que pode ser generalizável nos dados de qualquer pesquisa, a razão ou a motivação para fazermos essa ou aquela escolha vem da necessidade imediata local daquele contexto específico de pesquisa?

Os entrevistados - L, S e LF - foram escolhidos a partir de dois critérios: são autores experientes, responsáveis por várias publicações em Lingüística Aplicada e (até o momento) trabalham na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, onde eu estava realizando a pesquisa.

Os encontros foram realizados no local de trabalho de cada entrevistado e duraram aproximadamente 60 minutos. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas em sua totalidade.

Adotei um processo indutivo de análise do discurso que se baseia no trabalho de Barton (2004) e que consiste na identificação de elementos textuais ricos em significação, “que apontam para a relação entre um texto e seu contexto” (p. 23). Ela busca unidades significativas da linguagem em qualquer nível – do fonológico ao retórico – tendo em vista o uso dessas unidades em vários exemplares (intertextualmente) e no contexto. Desse modo, princípios analíticos mais gerais são construídos a partir da observação de uma série de elementos em textos específicos (Barton, 2002:23). Exemplos conhecidos e replicados são os marcadores metadiscursivos de Vande Kopple (1985) e os movimentos e passos de Swales (1990).

Analisei as transcrições para tentar identificar passagens que pudessem me auxiliar a entender melhor o processo investigativo praticado por esses pesquisadores e assim avançar no processo de reflexividade sobre a teoria (Chouliaraki & Fairclough, 1999) do processo de pesquisa. A “reflexividade” ou o conhecimento sobre uma prática (Idem:25-8) torna-se parte significativa do nosso engajamento nessa prática, nos possibilitando construir uma teoria

local sobre essa dinâmica. Nesses termos, busco investigar criticamente a própria metodologia adotada em pesquisas sobre linguagem, por meio de uma reflexão sobre o objeto de estudo de pesquisas dessa natureza e os procedimentos necessários a essa análise.

3.2 A análise das entrevistas

As transcrições foram analisadas, com o objetivo de estudar a perspectiva adotada pelos entrevistados aos três tópicos do roteiro. A seguir apresento minha interpretação de alguns trechos das entrevistas.

4 Metodologia ou bom senso?

De modo geral, os depoimentos parecem evidenciar que:

1) em virtude da complexidade de nosso objeto (as práticas discursivas), pesquisadores só sabem o que procurar e como procurar isso quando encontram o que não sabiam que buscavam; e

2) a abordagem metodológica usada depende da aculturação do pesquisador em uma teoria e de acomodação (com doses de bom senso) entre reflexão teórica, condições e processos de produção, distribuição e consumo da linguagem.

Os resultados indicam que, para esses pesquisadores, as contingências tornam-se centrais numa pesquisa que toma linguagem como interação. Além disso, o caráter local do processo de pesquisa desafia a força centrípeta, uniformizadora, homogeneizadora do conceito modernista de ciência objetiva.

4.1 Centralidade das condições locais em cada estudo

As condições locais em cada estudo tornam-se centrais, em detrimento de uma teoria global que dê conta de princípios universais:

1.Pergunta: (,,) what are your views on research methodology, taking into consideration all these discussions that people from different areas Philosophy, Physics, all sorts of areas, are bringing [for us] to rethink knowledge, society, life, from a non-linear cause-and-effect perspective, but trying to find other ways of looking at it?

1. L: (...) I think that for a long time social sciences, human sciences and education have tried to follow the model of Physics and Chemistry and so forth. (...) But I think that people have begun to realize (...) since the 60's that these methods are limited (...) because (...) they assume that there is some kind of direct cause and effect. We know that in human social systems instead there are many different elements which all mutually influence each other. (...)

And the minute you introduce a loop into a puzzle model, all of your linear theories, of causality and your linear methods of analysis no longer apply or they apply only sometimes and you don't know when they will apply. [Laughs.]

A investigação, nesse caso, aparece como uma prática indutiva, não-linear, dependente dos dados e do contexto que gerou esses dados.

Nos estudos da linguagem, portanto, o Contexto de Cultura tende a assumir um papel definidor dos resultados e, por isso, deve ser estudado:

1.Pergunta: (,,,) what are your views on research methodology, taking into consideration all these discussions that people from different areas Philosophy, Physics, all sorts of areas, are bringing [for us] to rethink knowledge, society, life, from a non-linear cause-and-effect perspective, but trying to find other ways of looking at it?

1.L: (Continuação) I think there was a concern broadly in the human sciences that these methods of analysis [that followed the model of Physics] prevented us from thinking about other issues that we knew were important: issues of culture, issues of language, issues of meaning and so on. (...) One direction of change was to look at the nature of complex systems, look at what happens when many different factors interact with one another. (...) So, it is not just the question of what influences what, but why people behave as they do, how people make sense of the world, because what you do in the world depends on what it means to you, how you see it.

Assim, ao invés de uma maneira única e simples para investigar linguagem, as entrevistas alertam para a natureza variável dos dados e dos procedimentos em função da natureza social da linguagem. Essa variabilidade, portanto, desafia a força centrípeta do modelo da ciência moderna, em que uma teoria geral é submetida a análises de dados que a confirmem.

1.Pergunta: (,,,) what are your views on research methodology, taking into consideration all these discussions that people from different areas Philosophy, Physics, all sorts of areas, are bringing [for us] to rethink knowledge, society, life, from a non-linear cause-and-effect perspective, but trying to find other ways of looking at it?

1. L: (Continuação) For me, one very important thing is the difference of the particular and the general, the unique and the generic. (...) Because when you have studied the behavior of one electron you know the behavior of all electrons. But when you have studied the behavior of one classroom, or one person. (...) And so there has to be proportionately more emphasis in the study of human systems, more emphasis on the particular case, on what is unique to that case and the ways which it has limited similarities to other cases. So, that we need to build something in between, I mean, (...) we don't want to have statements that are true only of this classroom or only of this

person, unless that is our particular goal (...) But in order to learn that in a useful way we can't start over again, from zero, with each new study of each new case. So you need to have some generalizations

6. Pergunta: Can you talk a little bit about the methodology you use?

6. S: (...) I think uh...My sort of view is that the methodology should fit the text you're looking at and the aspect of the text that you are interested in. In that I think I would be pretty closely aligned with two other people who I think are very skilled methodologists in Discourse Analysis - Chuck Bazerman and Greg Myers. Where both of them seem to have a gift for finding the methodology that is going to work for their own particular study and for setting up the methodology in such a way that it will pick out the textual features – Ellen Barton's rich features, if you like – that allow them to tell their story in the best possible way. So I don't have a set methodology. ...What is feasible and what is time-effective.

9. Pergunta: So, are you saying that we have a local need or a local rationale for choosing this or that procedure? That means, although we try to capture what can be generalized, we still have to...the reasons or the energy to make this or that choice comes from the local, your immediate need?

9. S: Right. From your set of intuitions of to what is best to do in this particular text. And I don't think that in Applied Discourse Analysis you could really teach a basic method. If I were teaching a class in Research Methods in EAP, I think that I wouldn't say "This is how you do it." ...they are going to see what might be the most interesting way of dealing with this ethnographic situation, of this body of texts, this collection of utterances.

Cada investigação constitui-se assim em uma rede de relações entre os elementos pertinentes, a saber:

- o contexto em que a linguagem ocorre;
- o modo como os dados foram obtidos;
- o papel do pesquisador;
- os traços lingüísticos mais relevantes para o estudo.

Nesses termos, aquilo que é peculiar a um dado conjunto de dados determinará a melhor abordagem ao fenômeno estudado naquelas condições. Prevalece, portanto, o bom senso de pesquisador, acima de uma metodologia formalizada a priori.

4.2 Bom senso como metodologia

Por bom senso de pesquisador, entendo o conhecimento informado pela prática profissional, pelas teorias estudadas e pela reflexão acerca de como

as duas primeiras se relacionam. Esse bom senso parece ser a única regra a ser adotada, já que os entrevistados reconhecem um caráter temporário, transitório nas soluções para os procedimentos de pesquisa e uma tendência ainda recente, nas reflexões acerca da linguagem, de vê-la como sistema complexo:

1.Pergunta: (,,,) what are your views on research methodology, taking into consideration all these discussions that people from different areas Philosophy, Physics, all sorts of areas, are bringing [for us] to rethink knowledge, society, life, from a non-linear cause-and-effect perspective, but trying to find other ways of looking at it?

1. L: (Cont.) And it is probably only now, really in the last ten or fifteen years, with the help of computers that we are able to begin to sort out how these many different factors interact with one another

2 Pergunta: (...) So I'd like to know more about your view on the methodology used to study language.

2 LF: (...) This is pre-methodological. In fact what I'm struggling right now is: What is a methodology that I can employ. I was even talking this morning: What is a methodology I can employ that will help me answer the questions that I'm finding really fascinating these days? And to be quite honest, I'm struggling with that question because I'm rejecting reductionist approaches to the understanding of language and language acquisition, but I recognize that I ... being ... being able to see everything. While I don't want to reduce phenomena down... that I'm interested in... down to one variable. At the same token I recognize the complexity of the phenomena that I'm interested in. It's impossible to take it in...in its entirety.

Esses depoimentos demonstram que a área demanda um enquadramento teórico que reconheça as várias dimensões articuladas na e pela linguagem em cada contexto específico. No entanto, não temos consenso sobre como estudá-la. Mas, até que ponto, esse consenso é necessário?

1. L: (Cont.) And I think that the good level of generalization is not universal, not something that says this is true of all people so we'll start with that. But rather a kind of a checklist, a list of the kinds of differences that you should be looking for.

L argumenta que algum consenso sempre é positivo para que avancemos mais efetivamente e, ao mesmo tempo, consigamos fazer generalizações que podem ser usadas em pesquisas futuras.

4.3 Detalhamento de contextos e prática particulares

Aproveito a idéia de L, de fazer uma mediação entre uma concepção teórica geral e um enfoque local, para elaborar uma lista de pontos focais a serem investigados a fim de conseguir detalhar traços específicos da linguagem usada em contextos e prática particulares. Os questionamentos que se colocam podem tomar formas variadas como, por exemplo:

1. Que aspectos do registro usado podem ser identificados?
2. Os participantes do evento são mais ou menos homogêneos em importância? Como? Por quê?
3. Em que medida os participantes compartilham linguagem e papéis/identidades sociais?
4. Os participantes envolvidos estão mais ou menos persuadidos de que sua participação no evento lhes é benéfica? Como? Por quê?

Mais especificamente, acho importante buscar respostas para perguntas como:

5. Qual a relevância do gênero em questão para o contexto? Como o gênero ajuda a definir o contexto?
6. Como as pessoas se engajam nesse gênero (interagem com que frequência, objetivo, papéis e relações sociais)?
7. Como o grupo social influencia ou controla a realização desse gênero? Quão ritualizado ele é?
8. Como se aprende a participar do grupo e do gênero? Quanto tempo/esforço se gasta para se tornar um participante?
9. Quem escreve/fala ou lê/ouve? Quem decide? Por quê? Por que escrevem/falam ou lêem/ouvem? Que resultados ou efeitos são pretendidos/causados?
10. Que modalidade(s) retórica(s) se identifica(m) no gênero: narração, avaliação, descrição, etc....?
11. Qual é a extensão do texto? Como é dividido? Que estágios textuais são freqüentemente encontrados?
12. É possível identificar padrões de escolhas léxico-gramaticais, p.ex., processos, participantes e circunstâncias?
13. Há tomadas de turno alternadas? Qual é o registro de linguagem (p.ex., grau de polidez, modalização/ênfase)?
14. O que se realiza no texto? Que valores/idéias são propostos? É possível identificar o ethos de cada participante?
15. Quais são as características de uma interação mais/menos bem sucedida nesse contexto? Quem julga isso?

Em que medida a análise do contexto pode ser uma porta de entrada para a análise das práticas discursivas? Estudar o gênero ou as práticas discursivas situadas, jogando o foco sobre o contexto de situação e o contexto de cultura, nos possibilita talvez exercitar nosso bom senso com

mais sistematicidade, para assim entender e explicitar o modo como as pessoas se engajam nas práticas discursivas e o papel dessas práticas na construção da cultura do grupo social envolvido.

5 Conclusão

A discussão apresentada neste trabalho oferece bases para defender a idéia de que cursos de redação acadêmica devem explorar as perspectivas locais de cada disciplina sobre seu objeto de estudo. Uma professora de redação acadêmica em áreas diferentes, ao aprender mais sobre como as pessoas investigam em uma dada área, poderá analisar com mais propriedade o modo como os membros da disciplina escrevem a Metodologia. Para tanto, a análise de textos e a entrevista com autores podem esclarecer como gêneros recontextualizam práticas acadêmicas, científicas e discursivas locais. O debate sobre como as pessoas conduzem suas atividades nos contextos usuais, fazem escolhas lingüísticas e aderem a usos da linguagem que parecem mais adequados a objetivos específicos parece se constituir em um recurso relevante no ensino e na aprendizagem.

Conforme apontado recentemente por Ann Johns (2002), há um contraste aplicado-teórico nos estudos da linguagem: áreas mais teóricas e, portanto, menos dependentes do contexto de pesquisa, demonstram um estilo mais estável de redação, enquanto que áreas mais aplicadas demonstram mais variação nos procedimentos como resultado de sua natureza localizada. Em função de sua natureza aplicada, os estudos sobre linguagem necessariamente apresentarão variabilidade na Metodologia e uma única forma narrativa não dará conta do programa de pesquisa necessário. Portanto, críticas como a de Widdowson e a busca por uma abordagem uniforme, clara e generalizável, aos dados em Lingüística Aplicada apenas criam mais um mito.

Se considerarmos o processo de aculturação de novos membros das disciplinas, há, pelo menos, duas abordagens. Ou eliminamos qualquer referência aos problemas da metodologia de pesquisa e limitamos os comentários problematizadores à última parte do artigo. Ou pensamos a partir de uma perspectiva de educação lingüística para todos, alunos e pesquisadores, esclarecendo as opções feitas, os passos dados, as rotas

abandonadas e o caminho tortuoso que finalmente construímos na nossa busca exploratória por resultados. Talvez devamos contar a história do mesmo modo como ela foi vivida.

Referências bibliográficas

- ATKINSON, D. (1999). *Scientific discourse in sociohistorical context*. Lawrence Erlbaum Associates.
- BARTON, E. (2002). Inductive discourse analysis: Discovering rich features. In Barton, E. & G. Stygall (eds.) *Discourse studies in composition*. Cresskill, NJ: Hampton Press, p. 19-42.
- _____. (2004) Linguistic discourse analysis: How the language in texts works. In: C. Bazerman & P. Prior (Eds.) *What writing does and how it does it: An introduction to analyzing texts and textual practices*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. p.57-82.
- BAZERMAN, C. (1988). *Shaping written knowledge: The genre and activity of the experimental article in science*. Madison, WI: University of Wisconsin Press.
- BRUCE, N. (1984). Rhetorical constraints and information structure in medical research report writing. *EMP Newsletter*, 1(2): 5-18. Kuwait University Language Center.
- BURROUGH-BOENISCH, J. (1999). International reading strategies for IMRD articles. *Written Communication*, 16(3):296-316.
- CHOULIARAKI, L. & N. FAIRCLOUGH. (1999). *Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- CORACINI, M. J. (1991). *Um fazer persuasivo. O discurso subjetivo da ciência*. Campinas: Pontes.
- FAIGLEY, L. & K. HANSEN. (1985). Learning to write in the social sciences. *College Composition and Communication*, 136:140-9.
- GILBERT, G. and M. MULKAY (1984). *Opening Pandora's box*. Cambridge: CUP.
- IVANIC, R. (1998). *Writing and identity: The discursive construction of identity in academic writing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- KANOKSILAPATHAM, B. (2002). *ESP Corpus and Move Analysis*. Paper presented at the Fourth North-American Symposium of the American Association for Applied Corpus Linguistics. Indianapolis, Indiana. November 1-3.
- MYERS, G. (1990). *Writing biology: Texts in the social construction of scientific knowledge*. Madison: University of Wisconsin Press.
- PAUL, D. & D. CHARNEY (1995). Introducing Chaos (Theory) into science and engineering: Effects of rhetorical strategies on scientific readers. *Written Communication*, 12(4):396-438.
- SOUZA SANTOS, B. (2000). *Para um novo senso comum: A ciência, o direito e a política na transição paradigmática. vol. 1 – A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- STUBBS, M. (2001). Texts, corpora, and problems of interpretation: A response to Widdowson. *Applied Linguistics*, 22(2):149-72.

- SWALES, J. M. (1990). *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1998). *Other floors, other voices: A textography of a small university building*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- _____. (2004). *Research genres: Explorations and applications*. Cambridge: CUP.
- SWALES, J. M. & C. FEAK. (1994). *Academic writing for graduate students*. 1st ed. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press.
- _____. (2004). *Academic writing for graduate students: Essential tasks and skills*. 2^a ed. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press.
- VANDE KOPPLE, W. (1985). Some exploratory discourse on metadiscourse. *College Composition and Communication*, **36**:82-93.
- WIDDOWSON, H. (2001). Interpretations and correlations: A reply to Stubbs. *Applied Linguistics*, **22**(4):531-38.